

Produção cerâmica no Quilombo Grilo/PB: uma abordagem do design sistêmico

Ceramic production at Quilombo Grilo Community/PB: a systemic design approach

Alice Campos Silva
Emmanuelle Leão Rodrigues
Itamar Ferreira da Silva
Julia Teles da Silva

Resumo: O artigo busca compreender a sustentabilidade relacionada aos processos produtivos em comunidades tradicionais, em específico o Quilombo Grilo, localizado na Paraíba. Para isso foi realizada uma investigação focada na produção de artefatos artesanais cerâmicos, tendo a aplicação da abordagem sistêmica com o intuito de compreender quais as técnicas utilizadas pela comunidade, identificando os métodos empregados, os fluxos envolvidos no sistema de produção e, por fim, a análise das etapas, percebendo a sustentabilidade envolvida e refletindo sobre novas possibilidades em etapas que não são sumariamente sustentáveis. Foi percebido a prática do Bem Viver intrínseco às comunidades tradicionais, a preocupação com o meio ambiente e convivência harmônica entre os membros da comunidade e o ambiente em que vivem.

Keywords: comunidades tradicionais; sustentabilidade; design sistêmico; cerâmica; design e artesanato.

Abstract: The article seeks to understand the sustainability related to production processes in traditional communities, specifically the Quilombo Grilo, located in Paraíba. For this, an investigation was carried out focused on the production of artisanal ceramic artifacts, having the application of the systemic approach in order to understand which techniques are used by the community, identifying the methods used, the flows involved in the system. and, finally, the analysis of the stages, realizing the sustainability involved and reflecting on new possibilities in stages that are not summarily sustainable. The practice of Good Living intrinsic to traditional communities was perceived, concern for the environment and harmonious coexistence between the members of the community and the environment in which they live.

Keywords: traditional communities; sustainability; systemic design, ceramics; design and handicraft.

Introdução

De acordo com a Comissão Mundial sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, das Nações Unidas, em 1987, o desenvolvimento sustentável busca satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprir suas próprias necessidades (Brasil, 2000). Assim, torna-se imprescindível que haja uma racionalização dos recursos naturais, para que exista harmonia nas relações entre homem, ambiente e cultura.

Pode-se pensar em novas formas de bem-estar que não estejam ligadas apenas a questão física do produto, mas que englobem todo o seu entorno. Isso envolve os processos de produção, de comunicação, assim por diante. O design, desse modo, enquanto elemento atuante nesse processo de mudança, também pode se inserir num estágio de modificação (Manzini, 2008).

Assim, o discurso do design também passou por novos direcionamentos, passando a ter uma visão mais holística e sistêmica, onde o território, o processo, as pessoas, e suas competências são elementos que devem ser levados em consideração. Desse modo, os territórios regionais podem sofrer melhorias por meio da aproximação estratégica do design, de modo que é possível unir as pessoas e os lugares através de uma visão diferente de desenvolvimento, onde os recursos locais e a criatividade são empenhadas na tarefa desafiadora de cuidar das relações humanas (Meroni, 2008).

Diante desse contexto, busca-se através dessa pesquisa analisar como (e se) a comunidade quilombola Grilo, atua de forma sustentável dentro de seus processos produtivos, por meio de uma análise sistêmica no processo de produção dos artefatos desenvolvidas pela comunidade.

Será realizado um breve apanhado acerca das comunidades tradicionais, especificamente a comunidade Grilo-PB, para que haja um melhor entendimento sobre suas histórias e tradições. Outro ponto a ser levado em consideração será a investigação sobre os modos de produção e técnicas utilizadas na confecção dos artefatos desenvolvidos, de modo que será feita uma abordagem mais específica sobre as cerâmicas desenvolvidas pela comunidade, através da realização de entrevistas indiretas e observações que buscam compreender melhor os seus métodos produtivos, a fim de que seja realizada uma análise sistêmica das técnicas utilizadas e os possíveis impactos causados ao meio ambiente.

Práticas sustentáveis

Em 1972 a ONU convocou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente, em Estocolmo (Suécia), este evento trouxe o manifesto ambiental que estabeleceu as bases para a nova agenda ambiental do Sistema das Nações Unidas.

Através das reflexões que vêm sendo refinadas ao longo das décadas que separam a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em 1972, e a Rio+20, em 2012, no Rio de Janeiro. Surgem então evoluções epistemológicas em que novos conceitos surgem, como o da Economia Verde que prioriza as seguintes condições:

erradicação da pobreza, segurança alimentar, um sólido gerenciamento de recursos hídricos, acesso universal a serviços de energia moderna, cidades sustentáveis, gerenciamento de oceanos e melhorando a resistência e a preparação para desastres, assim como a saúde pública, desenvolvimento de recursos humanos e crescimento sustentável, inclusivo e igualitário que gera empregos, incluindo para jovens (ONU, 2012, p. 6).

Desse modo, a sustentabilidade pode ser uma ação estratégica para a preservação do ambiente, da cultura e da dignidade social das gerações. A partir dos pilares do Desenvolvimento Sustentável - o ambiental, o social e o econômico - e das discussões de ordem mundial sobre novos paradigmas de consumo e comportamento, ressalta-se as mudanças culturais que precisam ocorrer a curto, médio e longo prazo para que se alcance a qualidade de vida almejada pela maioria da população do planeta que vive abaixo da linha da miséria.

A sustentabilidade requer uma descontinuidade sistêmica: de uma sociedade que considera o crescimento contínuo de seus níveis de produção e consumo material como uma condição normal e salutar, devemos nos mover na direção de uma sociedade capaz de se desenvolver a partir da redução destes níveis, simultaneamente, melhorando a qualidade de todo o ambiente social e físico (Manzini, 2008, p. 19).

Desde o fim do século XX, o design tem ampliado seu foco além dos ideais industriais e capitalistas para uma abordagem também social e sustentável. Papanek (1971) em seu livro “Design for the real world” criticou os processos funcionalistas do design e abordou uma visão mais humanista, propondo um pensamento mais sustentável onde os designers devem lidar com todos os processos e etapas de um produto e projetar de fato para o mundo real, trazendo abordagens para além do campo de conhecimento.

Assim, com o passar dos anos surgiram diferentes aportes metodológicos que abrangessem essa nova forma de pensar e fazer o design, como o codesign, design social, ecodesign e o design sistêmico. Neste artigo, assim como já relatado, será realizada uma análise sistêmica da prática artesanal na comunidade quilombola Grilo. Para isso, utilizar-se-á o design sistêmico, método utilizado no design sustentável que propõe uma visão ampla sobre o objeto de estudo e seu ciclo de vida.

A abordagem sistêmica, apesar de estudar, também, objetos e produtos, tem seu foco em um processo humanizado, que prioriza as relações sociais, ambientais, culturais e seus valores éticos, como percebido na Figura 1. A metodologia não leva em conta apenas o produto e seus materiais como objetos individuais, mas todos os fluxos de energia que possam estar envolvidos e atuem desde a produção até o “pós-vida” do item de estudo.

A abordagem sistêmica do design permite, portanto, alargar as referências não se limitando ao produto. O foco do projeto se alarga para o conjunto de relações geradas e para a identificação dos fluxos de matéria e energia, que constituem a entrada e a saída do processo como um todo produtivo, comunicativo e social. A base da abordagem sistêmica é cercar-se da natureza e das suas dinâmicas de funcionamento (Bistagnino, 2009, p. 19).

Bistagnino (2009) propõe uma análise além do ciclo de vida do produto, onde contempla-se todos os *outputs* e *inputs* envolvidos no sistema. O autor ainda busca uma abordagem que objetiva transformar todos os *outputs* em *inputs* deste ou outros sistemas.



Figura 1: Esquema dos valores por Bistagnino.

Fonte: Dos autores, adaptado de Bistagnino (2009).

O design sistêmico prioriza a visão do conjunto em oposição ao individualismo, prezando pelo todo e buscando entender a amplitude do sistema e seu funcionamento. Pêgo (2014, p. 102) afirma que os fluxos gerados pela abordagem sistêmica criam “ligações mútuas, assim como a de um metabolismo contínuo”.

O processo de entender os sistemas e suas ligações é complexo. Tudo está conectado e deve-se compreender os processos e respeitar as limitações de todos os objetos e atores envolvidos.

O zelo pelo sistema e o respeito por tudo que se encontra nele ainda é notório nas comunidades tradicionais. Seus membros ainda vivem de fato o ambiente e prezam pelo bem-estar mútuo, como será visto nos tópicos a seguir.

Comunidade tradicional

Entende-se por comunidade tradicional “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Brasil, 2007).

Conforme o conceito abordado pela resolução nº 8, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (doravante DCN) em 20 de novembro de 2012, e que abrange comunidades quilombolas, povos indígenas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, faxinalenses e comunidades de fundo de pasto, dentre outros. Caracteriza-se as comunidades quilombolas da seguinte forma:

“I – os grupos étnico-raciais definidos por autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;

II – Comunidades rurais e urbanas que:

lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade de terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;

possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.

III – comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização de antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros.

É comum nessas comunidades o modo de vida autônomo e sustentável. Onde vivem do que produzem no ambiente em que estão inseridos e a partir dele. Desta forma, apontam soluções para suas necessidades e garantem sua sobrevivência e bem-estar, como afirmado por Escobar (2016).

Este foi, pode-se argumentar, o caso em comunidades tradicionais (que produziam as normas com que viviam suas vidas, em grande parte, endogenamente) e ainda é em muitas comunidades, tanto no Sul Global como no Norte Global, que abordam o “Diseño” de si mesmas frente às manifestações das crises, cada vez mais profundas, e a inevitável mediação tecno-econômica de seus mundos (Escobar, 2016, p. 28. Traduzido pelos autores).

É incontestável a observação de conhecimentos tácitos valiosos, que foram aprendidos e repassados de gerações a gerações e se mantêm a décadas ou até mesmo séculos. Tais conhecimentos e cultura são passíveis de apreensão para que possam perpetuar e/ou serem mantidos na história. Leva-se em consideração a sua manutenção e perpetuação por tanto tempo mantendo a eficácia e relação gloriosa com o meio ambiente, sendo a comprovação de que de fato funciona podendo servir de exemplo para fora da comunidade também.

A sustentabilidade está intrínseca ao modo de vida desses grupos, que geralmente relatam o seu respeito à natureza e, principalmente, à mãe-terra. Souza Filho e Andrade apontam sobre essa relação que

O uso comum dos recursos naturais, característica fundamental da economia desses grupos, além de obedecer a regras específicas, definidas coletivamente e acatadas consensualmente, é orientado por princípios de base étnica que, por um lado, garantem o atendimento das necessidades imediatas e, por outro, a preservação dos recursos para apropriação futura. Essa forma de relacionar-se com o ambiente natural define uma sustentabilidade ecológica (Lima; Pozzobon, 2005) orientada pelo saber local (Escobar, 2000), por um *savoir-faire* camponês, caracterizando o que na literatura antropológica é designado de arte da localidade (Van der Ploeg, 2000; Souza Filho; Andrade, 2020).

Apesar da constância em relação ao modo de vida autônomo e sustentável, cada comunidade possui suas particularidades, que variam, principalmente, conforme o local em que estão inseridos e a disponibilidade de matéria-prima natural do ambiente.

A comunidade quilombola Grilo está localizada no município Riachão de Bacamarte, na Paraíba, na mesorregião do Agreste Paraibano e na microrregião da Itabaiana, há 97 km de distância da capital do estado, João Pessoa. Possui 147 hectares de terras reconhecidas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e Fundação Cultural Palmares, cuja certidão foi emitida no dia 12 de maio de 2006.

Segundo relatos, a comunidade iniciou seu processo de construção há cerca de 100 anos. Tal processo se deu, segundo fala de moradora da comunidade, Paquinha, com a instalação de seu tataravô, Manoel, que veio fugido.

O tataravô da minha mãe veio de um lugar bem longe, ninguém sabe nem de onde. Veio fugido, não tinha nada. Dizem que quando ele veio, só foi o que ele trouxe, foi uma cabacinha, era numa vara. Já era o que minha biza falava para minha vó e minha vó falava para minha mãe, que ele veio sozinho, por dentro dos matos, todo rasgado, com medo. Fugido! O que ele trouxe foi: Mãe disse que não era saco, era trapo. Uma mochilinha amarrada com um pouquinho de água, nessas varas que balança, chegou aqui, se arranjou, aí casou e dizia que veio fugido, sofria muito e a família ficou prá lá. Ele dizia que tinha oito irmãos, tinha pai, tinha mãe, tinha tudo, mas não puderam vir, que já foi ele fugindo de tanto sofrimento, disse que ele era todo marcado, e daí, foi casando e formou essa família todinha (Relato de moradora Paquinha para Lima; Azevedo, 2017).

A moradora Lourdes, relatou aos autores durante visita à comunidade, ainda em relação às primeiras instalações no local, que Manoel chegou juntamente com sua mulher e dois filhos. E, os primeiros momentos foram de grande tensão à família que tinha que se manter escondida e chegou inclusive a sofrer ataques armados a mando de seus antigos senhores. O casal vivia a partir do que encontravam na natureza (água e alimentos) e se adaptavam em uma relação de troca com o ambiente.

Dona Lourdes ainda relatou que, com medo, a família começou a prestar serviço a um fazendeiro que possuía terras próximas ao local de esconderijo em troca de alocação e, ao que pensavam, segurança e subsistência. O trabalho durou anos e poderia ser comparado à escravidão levando em consideração a falta de direitos e abuso trabalhista.

A posse do território que atualmente contempla a comunidade Grilo iniciou-se com a compra das terras deste antigo proprietário, como indica Maracajá e Rodrigues (2015),

As informações nos indicam que o local atual onde estão as casas da Comunidade Grilo foi adquirido no “momento de desagregação da unidade familiar do antigo proprietário das terras”, conhecido como Honório Alves (Batista, 2009, p. 93). No momento da compra das terras, não foi emitido qualquer documento que oficializasse a aquisição, “era só tratado de boca”, como explica Elias, liderança da Comunidade Grilo. (Maracajá; Rodrigues, 2015).

Atualmente este quilombo possui cerca de 92 famílias (dado informado aos autores por moradores da comunidade durante visita) que vivem principalmente a partir de agricultura de subsistência, venda de alimentos plantados por eles que não irão ser consumidos e, também, venda de artesanato, sendo estes a renda, a cerâmica, e o sisal, utilizados apenas como renda secundária de poucas mulheres da comunidade.

Através da produção cerâmica é possível realizar uma abordagem de caráter introdutório sobre a questão dos saberes tradicionais e a preservação e perpetuação do conhecimento, tendo como foco o olhar para a questão da sustentabilidade. Destaca-se a importância do conhecimento sobre a origem e a dinâmica do saber que é representada na forma como o artesão pensa e faz.

Considerando as questões relacionadas a produção cerâmica, buscou-se conhecer como se dá a produção, analisando as metodologias atuais utilizadas na comunidade, numa conjuntura que considera os modos de vida tradicionais.

A produção da cerâmica na comunidade Grilo, deve ser entendida como uma forma de resistência, levando em consideração um mundo que é regido por um sistema caracterizado pela disputa (Canclini, 2007).

Por meio da pesquisa em campo foi possível observar as relações proporcionadas através da produção como forma secundária de sobrevivência, assim como o processo de produção e suas técnicas envolvidas. Levando-se em consideração questões como a obtenção da matéria-prima, a confecção das peças, e as técnicas empregadas no processo de queima dos artefatos.

A produção de cerâmica no Grilo, envolve questões relacionadas tanto com o modo de vida quando com o processo criativo, tendo em vista a sua caracterização relacionada ao saber tradicional manifestado por meio de um ofício que vem sendo transmitido ao longo dos anos na comunidade, repassada de geração em geração via oralidade, de modo que a preservação do saber ocorre na contramão dos processos de fabricação industriais.

Assim, a produção desses artefatos, trata-se, portanto, de uma prática que possui o controle de todas as fases de confecção da obra e da disponibilização para a comercialização das peças, bem como respeitadas as condições ambientais ao produzir peças que geram baixo impacto ambiental.

Krucken (2009) afirma que estimular o reconhecimento das qualidades e dos valores relacionados com a produção local é uma forma de contribuir para tornar visível à sociedade a história intrínseca a ela.

A confecção desses produtos se dá intercalados com a produção agrícola, respeitando os períodos de cultivo e colheita na agricultura, ocasião em que as famílias dão uma pausa na produção dos objetos artesanais, retomando novamente após a colheita e armazenamento da safra. (Lima; Azevedo, 2017).

Moraes (2016) defende que, devido ao caráter holístico, transversal e dinâmico do design, a disciplina proporciona a interpretação das peculiaridades locais e sua inserção no projeto como componente diferencial e de caráter sólido, gerando valor econômico e emocional e, portanto, tornando-se imprescindível no cenário complexo.

Logo, pode-se destacar a importância que essas peças cerâmicas têm para a comunidade e que apesar de se tratar de uma prática milenar, a comunidade o faz de maneira particular que vão desde a extração da argila e retirada das impurezas mais evidentes, até a etapa de amassamento, modelagem, queima e finalização da peça, que utiliza apenas as habilidades manuais e ferramentas simples sem nenhum tipo de equipamento de alta complexidade.

É a experimentação traduzida em um saber local e não em uma lei científica, tendo em vista a preocupação com a dinâmica produtiva e com o respeito à natureza, mesmo que de maneira inconsciente.

Metodologia

A pesquisa foi construída a partir de pesquisa bibliográfica e documental, que gerou um embasamento teórico sobre a comunidade investigada, buscando compreender suas dinâmicas produtivas e os efeitos causados ao meio ambiente. Diante dos expostos, a pesquisa teve as seguintes etapas:

a) Levantamento bibliográfico baseado nas comunidades tradicionais e em específico, a comunidade Grilo, envolvendo questões sobre sua história e tradições;

- b) Investigação dos produtos e técnicas utilizadas para a confecção de artesanatos, assim como investigação da agricultura familiar e seus métodos produtivos;
- c) Visitas ao quilombo, para a realização de registros fotográficos, conversas indiretas e observação das técnicas produtivas;
- d) Realização de entrevistas indiretas, para levantamento de informações acerca das técnicas utilizadas
- e) Análise sistêmica do processo de produção e investigação acerca dos possíveis impactos ao meio ambiente.
- f) Reflexão sobre os resultados

Caminhos percorridos em campo

Ao realizar a pesquisa bibliográfica sobre o local, observamos o que já foi produzido em relação à comunidade quilombola Grilo e, também, tivemos acesso a um pesquisador que também havia passado pelo Programa de Pós-Graduação em Design na Universidade Federal de Campina Grande (Santos, 2020).

Por intermédio deste pesquisador, que mantém laços até hoje com os moradores, tivemos o primeiro contato, por meio de ligação, com o Senhor Elias, morador do local, para sabermos sobre a situação da comunidade e possível disponibilidade para recepção. Elias foi muito receptivo e de prontidão realizou o convite para que pudéssemos conhecer o local.

O caminho percorrido no campo teve como pilar a visão do designer que constrói com a comunidade e não apenas para ela. Cardoso (2012) propõe esta perspectiva complexa do fazer design e Manzini (2015) complementa essas reflexões propondo a ideia de que todos fazem design. Desta forma, foi-se a campo com uma proposta de atuação mais horizontal, onde o designer saiu do patamar de único expert, para o meio, onde considera-se os atores sociais da pesquisa não apenas como sujeitos de pesquisa e os traz para o meio projetual.

Durante a visita foi escutado, observado e vivenciado diversos fatos importantes ao desenvolvimento deste trabalho e para a construção da relação com a comunidade. Dona Lourdes, principal ceramista da comunidade, relatou que o forno havia quebrado (Figura 2) devido à última chuva forte ocorrida no local e, por isso, havia dado uma pausa na produção de cerâmica. Diante disto Elias relatou que iria consertá-lo e logo convidou as pesquisadoras para acompanhar o processo e, também, olhar a queima das peças. Tais processos foram de suma importância para a apresentação dos resultados deste trabalho possibilitando a análise mais completa do saber-fazer cerâmico da comunidade.



*Figura 2: Forno após chuva forte.
Fonte: Acervo dos autores.*

Em relação à recuperação do forno, foi possível observar a forma de assentamento dos tijolos maciços e partes do processo de reforma (Figuras 3 e 4), que foram suficientes e primordiais para a análise sistêmica realizada posteriormente à esta etapa. Seu Elias, membro importante da comunidade e responsável pela reforma do forno, produziu os tijolos para recuperação a partir do barro encontrado na comunidade e afirmou que os tijolos, além de não necessitarem da queima, abdicando do processo em outros usos, tinha esse processo intrínseco ao ciclo de vida do produto, durante a queima das cerâmicas. Na figura 4, observamos ele apresentando a forma de assentamento dos tijolos, intercalados com barro, seguido da explicação de queima, que por ser aproveitada das queimas da cerâmica, possibilita que não seja emitido gás carbônico também neste processo, além da economia dos materiais e matérias-primas necessários para a queima.



*Figura 3: Tijolos produzidos pelo seu Elias.
Fonte: Acervo dos autores.*

*Figura 4: Etapa de recuperação do forno.
Fonte: Acervo dos autores.*

Embora o forno tenha sido fator primordial para o início da produção cerâmica, o processo se inicia bem antes da queima. A primeira etapa é a coleta da matéria prima, o barro, realizada pelas próprias ceramistas ou por membros da comunidade que buscam voluntariamente a elas quando solicitado, sendo este o único momento em que há a participação dos outros membros, que não demonstram tanto interesse em continuar a prática, fator reclamado pelas ceramistas.

Apesar de não participarem do processo de produção, os membros da comunidade valorizam as louças e produtos da prática, sendo bastante encomendado até mesmo pelos membros mais jovens e crianças, que pedem copos, pratos e até pequenas panelas para brincar. – valorizam para consumo, mas o saber-fazer corre risco de ser perdido nas próximas gerações.

Análise sistêmica da prática artesanal cerâmica na Comunidade Grilo/PB

Foram consideradas as etapas do processo artesanal cerâmico da comunidade adaptadas às etapas do ciclo de vida de um produto.

Levando em conta o design sistêmico, que observa todas as relações materiais e imateriais criadas ao longo do processo de design, foi observado o processo desde a extração da matéria-prima até a entrega ao consumidor final, observando também os descartes e resíduos ao longo do caminho. A cerâmica envolve a construção de um forno (ele mesmo de barro), a extração da matéria-prima barro (que é extraído no próprio território), o tratamento do material, a modelagem, a secagem, a queima, a distribuição e a reabsorção dos resíduos. Todos esses processos são feitos localmente, envolvendo não somente materiais locais, como saberes e relações da comunidade. O material e o imaterial estão entrelaçados em um sistema sustentável.

Figura 5: Relevô Holístico.
Fonte: Acervo dos autores.



COLETA DO BARRO



LIMPEZA DO BARRO



MODELAGEM E ACABAMENTO



SECAGEM E QUEIMA



PEÇAS PRONTAS



MAPA VISUAL

Produção Cerâmica no Quilombo Grilo-PB

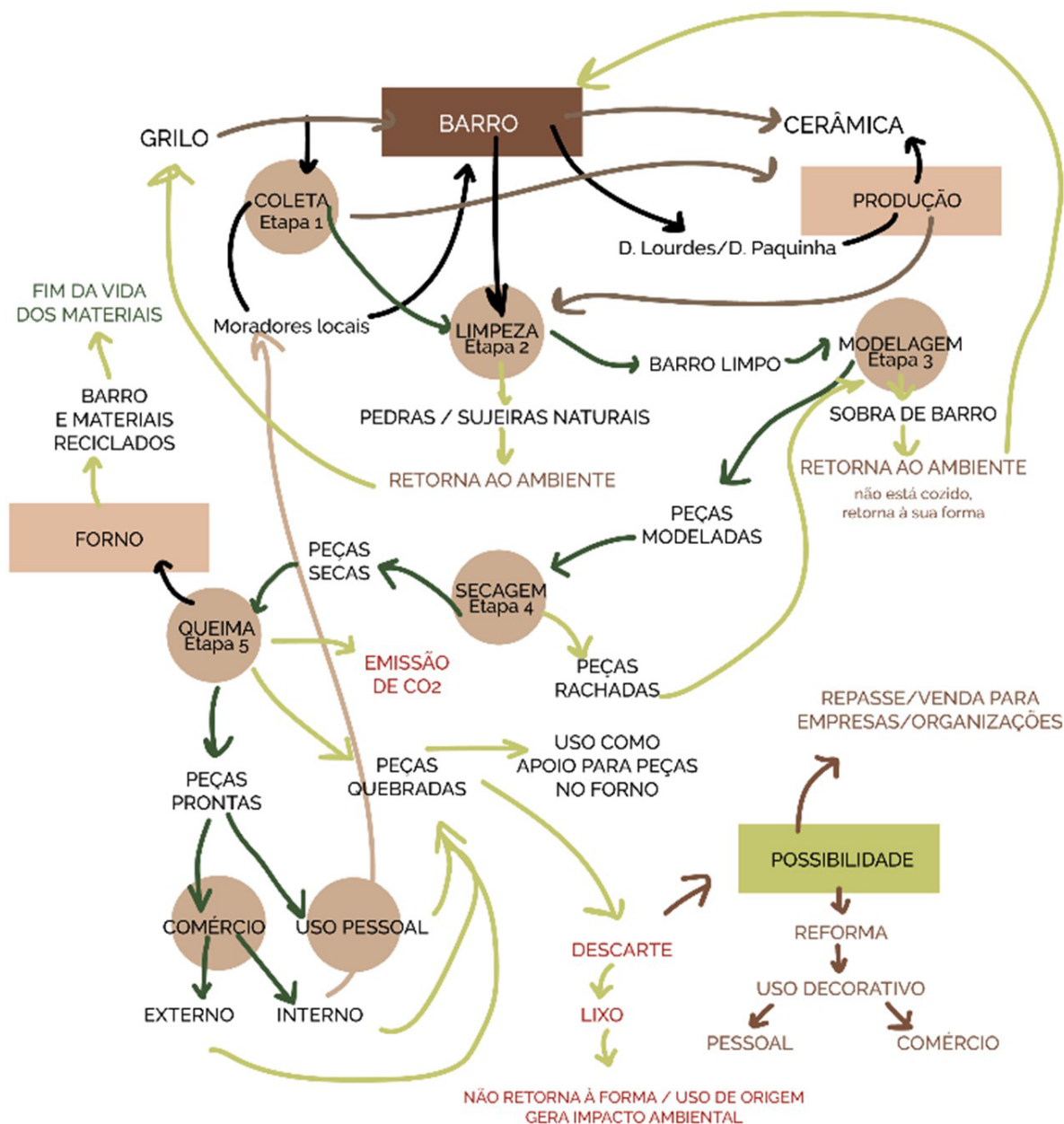


Figura 6: Mapa Visual.
Fonte: Acervo dos autores.

Considerações finais

Por meio dessa pesquisa pretende-se manter aberto os debates sobre a questão da preservação do saber tradicional associado ao respeito que as comunidades possuem com o meio ambiente, demonstrando a necessidade de compreensão mais profunda sobre os seus modos de vida, processos criativos, e vivências na sociedade contemporânea.

A visão sistêmica enfatizada na pesquisa poderá fortalecer as práticas para valorização da comunidade, bem como incentivar a própria capacidade de reelaboração simbólica que são expressas em seus produtos, enaltecendo o processo de constituição dos sujeitos sociais.

Através da visita foi possível despertar o olhar sobre a sustentabilidade que é praticado na comunidade, expresso em suas narrativas e memórias e em suas práticas cotidianas, através das experiências de vida do grupo ocorridas no lugar onde trabalham e vivem e que são traduzidas nos fazeres e saberes tradicionais.

Um fato importante destacado pela comunidade foi a importância do seu saber, destacado em suas narrativas e aqui interpretado na vontade de expor o valor que essas comunidades possuem, assim como enfatizar a importância da preservação do conhecimento popular e o respeito ao meio ambiente em que vivem.

Pretendeu-se, portanto, demonstrar através desse trabalho a importância que estas comunidades possuem, considerando-se o saber tradicional, seja por meio da produção cerâmica ou por outros afazeres desenvolvidos na comunidade, de modo que, esses grupos posicionam-se diante dos fatores considerados importantes para eles, por isso os fazeres e saberes possuem grande importância nas vozes da população estudada.

A garantia da sustentabilidade sobre o conhecimento tradicional deve, portanto, considerar o seu valor cultural que é claramente representado por meio dessas práticas tradicionais, onde suas experiências são detentoras de um saber tão rico e que representam tradição e resistência, através da preocupação em garantir que o legado da comunidade seja passado para as próximas gerações, com o objetivo de mostrar para os mais jovens a consciência das práticas desenvolvidas e que possam ser reconhecidas como parte da história do lugar.

A comunidade encontra-se aberta para promover o intercâmbio de experiências, numa relação possível entre o conhecimento popular e científico, revelando a importância que deve ser dada ao saber tradicional e o que ela tem a dizer para sociedade, afim de realizar uma construção coletiva com o intuito de enaltecer os saberes tradicionais, a fim de promover a mudança no conceito de tradição como algo ultrapassado para algo que representa a memória do lugar.

Referências

- BISTAGNINO, Luigi. Design Sistêmico: uma abordagem interdisciplinar para a inovação. *In: Moraes, Dijon; Krucken, Lia. Sustentabilidade II* (Caderno de Estudos Avançados em Design). Barbacena: EdUEMG, 2009, p. 13-30.
- BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional.** Agenda 21 Brasileira – Bases para discussão. Brasília, 2000.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007. Diário Oficial da República Federativa do Brasil,** Brasília, DF, 07 de fev. de 2007.
- BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Diário Oficial da União: seção 1,** Brasília, DF, n. 224, p. 26, 21 nov. 2012.
- CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo.** Cosac Naify, São Paulo, 2012.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño. La realización de lo comunal.** Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016. 281p.
- KRUCKEN, Lia. **Design e Território: valorização de identidades e produtos locais.** 1ª Ed. São Paulo: Studio Nobel. 2009. 126 p.
- LIMA, Guilherme Amsterdam Correia; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. Paisagem, territorialidade e práticas culturais no Quilombo Grilo – PB. **Revista GeoSertões**, Campina Grande, Unageo/CFP-UFCG, v. 2, n. 4, p. 74-100, 2017.
- MANZINI, Ezio. **Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais** / Ezio Manzini; [coordenação de tradução Carla Cipolla; equipe Elisa Spampinato, Aline Lys Silva]. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos estudos; v.1) 104 p.
- MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs.** An introduction to Design for Social Innovation. Cambridge/ London: The MIT Press, 2015.
- MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes; RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. Comunidade quilombola Grilo, Paraíba: Narrativa sobre a construção do território e da territorialidade. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 4, n.1, p. 58-69, 2015.
- MERONI, Ana. **Creative communities: people inventing sustainable ways of living.** Milão: POLI. Design, 2007.
- MORAES, Dijon de. Design e complexidade. *In: MORAES, Dijon et.al. (org.). Transversalidade* (Caderno de Estudos Avançados Em Design). Barbacena: EdUEMG, 2006, p. 13-28.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **O futuro que queremos.** Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável – Rio+20, Rascunho zero do documento final, 10 de janeiro de 2012. Disponível em: https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wp-content/uploads/sites/36/2014/05/OFuturoqueQueremos_rascunho_zero.pdf. Acesso em: 21/06/2022.
- PAPANEK, Vitor. **Design for the real world.** Great Britain: Paladin Granada Publishing, 1978.
- PÊGO, Kátia.; OLIVEIRA, Paulo. Design Sistêmico: relações entre território, cultura e ambiente no âmbito da Estrada Real. **Strategic Design Research Journal**, Porto Alegre, p. 101-109, 2014.
- SANTOS, Walisson Adalberto dos. **Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba.** Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.
- SOUZA FILHO, Benedito; ANDRADE, Maristela de Paula. **A dois graus do Equador: o Estado brasileiro contra os quilombolas de Alcântara.** São Luís, MA: EDUFMA, 2020, 307p.

Sobre os autores

Alice Campos Silva é mestra em Design pela UFCG, possui graduação em Design pela Universidade Federal do Maranhão (2019). Tem experiência na área de Desenho Industrial. E-mail: gianpiorsky@gmail.com

E-mail: cmpsalice@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7004690660582388>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7325-3848>

Emmanuelle Leão Rodrigues é mestra em Design pela UFCG. Possui graduação em arquitetura e urbanismo pelo centro universitário unifacisa (2018) e graduação em Design pela Universidade Federal de Campina Grande (2012). Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Desenho de Produto.

E-mail: emmanuellearquiteta@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3506300651080292>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9395-2008>

Itamar Ferreira da Silva possui graduação em Desenho Industrial pela UFPB (2001) e doutorado em Engenharia Agrícola pela UFCG (2012). Atualmente é professor Associado III, foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design/CCT/UFCG de 2019 a 2023. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Projeto de Produto. Possui como interesse de pesquisa assuntos referentes a design sustentável, design bioinspirado e design inclusivo

E-mail: itamarfs0210@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7437181641061519>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0874-9345>

Julia Teles da Silva é doutora em Design pela PUC-Rio (2014), e colaboradora do DeSSIn (Grupo de Estudos Design na Leitura de Sujeitos e Suportes em Interação) do PPGDesign da PUC-Rio. Foi Professora Visitante da pós-graduação em Design da UFCG. Pesquisa design com materiais naturais e design colaborativo, em interação com os usuários.

E-mail: julitateles@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0253251903169480>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8532-1860>